

MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: um estudo sobre informação visual em São Carlos (SP)

MEMORY AND PHOTOGRAPHY: a study on visual information in São Carlos (SP)

Marcio de Assumpção Pereira da Silva¹

A década de 1980 marcou uma nova concepção para os profissionais da informação registrada na literatura como mudança de paradigmas: na Arquivologia essa mudança se expressa na contraposição entre gerenciar e produzir registros arquivísticos; na Biblioteconomia a mudança de paradigma veio na forma de privilegiar o acesso em detrimento da posse ou propriedade da informação.

O *Arquivo de História Contemporânea da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)* tem acompanhado as discussões em nível internacional, especialmente a dos arquivistas australianos², que propõem através dos “*Created Documentation Programs*”, a produção de documentos: aos arquivos não caberiam apenas a guarda mas também a produção de novos registros ligados a som e imagem; subsidia o novo paradigma, uma nova concepção de História como um processo permanente de construção, inclusive de fontes.

Como bibliotecário/documentalista do Arquivo de História Contemporânea fui encarregado de propor novas produções para compor o acervo de imagens do Arquivo; dentre as novas produções a serem delineadas, foi considerado, o registro de história oral, produção de vídeos e fotografias. Optou-se iniciar pelo acervo de fotografias dadas a condições favoráveis de infraestrutura disponíveis no Arquivo.

Assim, realizei este trabalho que consistiu na construção de um arquivo de fotografias da cidade de São Carlos no período de 1991 a 1993. Como o trabalho foi realizado também como dissertação universitária de pesquisa junto à *Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP)*, desenvolvemos as questões teóricas pertinentes ao objeto de estudo, por exemplo as relações entre fotografia e memória, memória e documento e memória e fotografia, bem como a tomada de depoimentos necessária para nortear a política de desenvolvimento de acervo do Arquivo.

Este trabalho pretende discutir relações existentes entre memória e fotografia. As formas pelas quais chegamos à lembrança são variadas e, em cada forma, peculiaridades são apresentadas. Escolhemos trabalhar a fotografia por constituir-se de suporte com a qualidade de registrar a informação de natureza visual.

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação, em geral, têm discutido e pesquisado sobre os suportes da informação. Esses estudos porém, têm privilegiado registros tradicionais da informação e, raramente fogem dos objetos de pesquisa que não sejam os livros e periódicos.³

¹ Mestre em Biblioteconomia pela PUCAMP e professor do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará.

² PEDERSON, A. (editor) **Keeping archives**. Sydney: Australian Society of Archivists Incorporated, 1987.

³ Ver os trabalhos publicados nos anais das reuniões de pesquisa da ANCIB.

A Arquivologia, por sua vez, no cenário internacional das publicações na área, mostra avanços significativos quando tratamos da organização e recuperação da informação visual. Porém, no campo da produção e do impacto causado pela imagem, poucos trabalhos vem sendo publicados.

Os bibliotecários e arquivistas se preocupam com registros da informação não só porque registro e recuperação fazem parte do núcleo da Ciência da Informação. Os profissionais da informação não têm conseguido vislumbrar outros tipos de registro têm potenciais informativos diferentes dos registros bibliográficos e arquivísticos.

Temos, ainda, livros e periódicos sendo estudados como suportes do registro do conhecimento. Mesmo com algumas variações como, por exemplo, a literatura cinza, as teses e as dissertações, continuam estudando somente a informação textual.

Uma das especificidades da fotografia é a possibilidade de contemplação. Podemos nos deter em uma imagem fotográfica o tempo que desejarmos, o que o cinema não permite devido ao movimento da imagem.

A fotografia é um corte no espaço/tempo, é um “instantâneo”, um documento que registra uma imagem paralisada, desprovida de movimento.

Nesta pesquisa, analisamos alguns impactos causados na memória do cidadão através da fotografia.

O referencial teórico utilizado para abordar o tema memória foi centrado em Jacques Le Goff, Jean Glénisson e Ecléa Bosi, Karel Kosik e Giles Deleuze e Felix Guattari.

A partir desta fundamentação, construímos um quadro teórico a respeito das possibilidades da memória.

A memória, como propriedade de conservar informações é um tema que interessa tanto a historiadores, antropólogos e arqueólogos quanto a psicólogos e filólogos, sem tocar na importância fundamental que ela tem para os profissionais de informática.

Os fenômenos da memória tanto nos seus aspectos filológicos ou psicológicos ou ainda sociais expressam sempre formas de organização, formas essas que apenas existem se são capazes de se reconstituírem.

Assim como a perda da memória no indivíduo (amnésia) leva a uma perda de identidade, a perda da memória nas coletividades compromete a identidade social dos povos.

O estudo da memória social é um dos modos fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história.

“Leroi-Gourhan considera a memória em sentido lato e distingue três tipos de memória: memória específica, memória étnica, memória artificial: ‘memória é entendida, nesta obra, em sentido muito lato. Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Podemos a este título falar de uma memória específica para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória ‘étnica’ que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória ‘artificial’, eletrônica em sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados” (Le Goff, 1992).

De uma forma mais sucinta, a memória “específica” pode ser entendida como a memória individual, a memória “étnica” como a memória social ou coletiva e a memória artificial que hoje temos com os recursos computacionais, garantem uma capacidade infinita de armazenamento bem como meios de tratar toda essa memória como se fossem dados, inter-relacionando-os da forma que nos parecer mais conveniente. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1992).

A memória faz parte de um grande conjunto de informações e, se constitui de uma fração desse conjunto composta de informações relativas ao passado, tanto próximo quanto distante.

Com relação à memória e ao seu uso na atualidade, Jean Glénisson faz um comentário interessante, se quisermos entender a nossa atual capacidade de armazenar os registros da memória:

“Vem o computador; um artesanato, uma arte duas vezes milenária, entram em transição, para a era industrial. Uma máquina poderosa de memória inesgotável e infalível, pronta à confrontar instantaneamente todas as suas ‘lembranças’ e a responder às questões, mais submissa que o gênio dos contos de fada que satisfazia apenas a três desejos, foi subitamente colocada à disposição dos pesquisadores” (Glénisson, 1977).

Do ponto de vista metodológico, podemos estudar historicamente a memória dividindo-a em períodos. Jaques Le Goff, inspirado em Leroi Gourhan, divide a história da memória coletiva em cinco períodos: *“o da transmissão oral, o da transmissão escrita com tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica”* (Le Goff, 1992).

Outra abordagem interessante relativa à memória encontramos no primeiro capítulo do livro de Ecléa Bosi, intitulado *“Memória e sociedade: lembranças de velhos”*, escrito em 1973:

“O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ele não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nosso juízo de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista” (Bosi, c1973).

O referencial teórico trabalhado pela autora nesta obra, da qual acabamos de experimentar a citação acima, nos servirá como uma espécie de bússola na consecução desta pesquisa.

Passaremos, a seguir, a tratar das possibilidades da memória. Algumas das possibilidades da memória estão relacionadas com a **realidade**. O filósofo tcheco Karel Kosik tem um concepção dialética de realidade bastante apropriada para os nossos propósitos:

“A dialética materialista como método de explicitação científica da realidade humano-social não significa, por conseguinte, pesquisa do núcleo terreno das configurações espirituais (como supõe o materialismo reducionista, spinoziano, de Feuerbach); não significa emparelhamento dos fenômenos de cultura aos equivalentes econômicos (como ensinava Plekanov seguindo a mesma tradição spinoziana), nem redução da cultura a fator econômico. A dialética não é o método da redução: é o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade e o método do desenvolvimento e da explicitação dos fenômenos culturais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico” (Kosik, 1976).

Partindo desse ponto de vista, poderemos traçar as possibilidades da memória referentes à realidade. Considerando as formas de manifestação dos fenômenos na sociedade, a interação individual e coletiva e, somando-se as questões culturais e educacionais, veremos que a memória tem a possibilidade de apresentar-se de forma **concreta**, bem como de forma **pseudoconcreta**.

Com relação à possibilidade da memória apresentar-se de forma concreta, o filósofo tcheco nos auxilia fazendo a seguinte colocação: *“Justamente porque o real é um todo estruturado que se*

desenvolve e se cria, o conhecimento de fatos ou conjuntos de fatos da realidade vem a ser o conhecimento do lugar que eles ocupam na totalidade do próprio real” (Kosik, 1976).

Relativamente a possibilidade da memória apresentar-se de forma pseudoconcreta, o mesmo filósofo destaca: *“O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade” (Kosik, 1976).*

A memória é matéria prima para a apreensão do mundo real, tanto o mundo concreto quanto o pseudoconcreto.

Outra maneira de analisarmos as possibilidades da memória, é considerarmos as suas possibilidades de **localização**.

A primeira forma de possibilidade de localização da memória é a **temporalidade**. O principal fator dessa possibilidade é a detecção da data cronológica da informação armazenada na memória. Os usos e costumes das pessoas modificam-se através dos tempos; o aparato para produção de documentos evoluem de um tempo dado para outro posterior. Por isso, a determinação de quando foi produzido um documento torna-se fator importante para melhor compreendermos os fenômenos da memória.

A outra possibilidade de localização da memória é **espacialização** da produção do registro. Diante da pluralidade cultural, a espacialização não pode ser vista sob uma perspectiva de globalização, isto é, torna-se fundamental o estabelecimento da relação entre cultura e espaço. A impossibilidade de globalização da cultura é devida à grande ocupação dos espaços terrestres pelos mais diversos grupos, em condições econômicas e sociais diferentes.

A questão da territorialidade, abordada por Deleuze e Guattari, no livro intitulado “O que é a filosofia” nos auxilia na compreensão das possibilidades de localização da memória:

“Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios. São dois componentes, o território e a terra, com duas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território). Não se pode dizer qual é o primeiro” (Deleuze & Guattari, 1991).

As questões acima traçadas sobre as ocupações dos espaços nos mostram o quão complexo é o relacionamento entre as infinitas diferenças da memória dos povos através dos tempos. Por isso a necessidade de localizarmos a memória no espaço e no tempo.

Outras duas possibilidades da memória são a sua fragmentação e a sua construção, ambas relativas à **integridade** dos documentos que registram a memória.

No caso da **fragmentação**, novamente os filósofos Deleuze & Guattari (1991) nos auxiliam conceitualmente. A questão do “choque”, na obra desses dois autores, se coloca de forma apropriada aos intuítos dessa pesquisa. Vejamos:

“...seria necessário encontrar uma outra razão pela qual nós não nos chocamos ... É assim que, a partir de um plano determinável, se passa de um conceito a um outro, por uma espécie de ponte: a criação de um conceito de Outrem, com tais componentes vai levar à criação de um novo conceito de espaço perceptivo, com outros componentes a determinar (não se chocar, ou não se chocar demais, fará parte de seus componentes.”

Os registros da memória não deixam de interagir com as relações estabelecidas por Deleuze e Guattari. Portanto, não deixa de estar em processo constante de fragmentação. Ainda que chocando-se, fragmentando-se e (re)construindo-se permanentemente, os registros da memória não deixam de fazer parte da cultura dos povos. Ou seja, mesmo que fragmentária e em constante processo de produção e reprodução, a memória existe e faz parte da realidade dos indivíduos.

Ao descobrirmos que a memória é ou está fragmentada constatamos fatos importantes no que tange às suas condições de produção. Já a construção dos registros da memória é uma característica que revela a possibilidade da memória ser construída ou não. No primeiro caso, existe a intenção da produção do registro; no segundo, não havendo intenção na produção, podemos dizer que a memória de uma instituição ou pessoa é aquilo que ela acumulou durante a sua existência. Esse fator também nos traz informações referentes às condições sob as quais a memória foi ou é construída, construída de forma fragmentária ou não construída. A partir disso é possível detectar as intenções e relações do produtor para com os documentos que registram a sua própria memória.

O uso e a veiculação dos registros da memória será o último tópico a ser abordado nessa parte do texto. É através dessas duas ações que a memória é transmitida. É aqui que ela passa a compor concretamente a cultura dos povos. O uso dos registros da memória permite que sejam construídas imagens e produtos que, posteriormente, serão veiculados e apreendidos pelos indivíduos. Durante essas duas ações, auxiliadas pela faculdade humana de lembrar, é que se dá a interpretação dos registros da memória, e, portanto, a reconstrução do passado. A partir do uso que se faz dos documentos da memória, uma interpretação do passado ocorrerá. Não só a interpretação, mas também as informações do passado serão transmitidas. Faz-se necessário, para interpretar os registros da memória, a observação atenta às características que os documentos da memória possuem. Considerando-se as características dos documentos da memória é possível chegar mais próximo de uma interpretação em conformidade com a realidade, mais fiel, mais concreta. Porém, não podemos, em nenhum momento, descartar a vivência e a subjetividade inerente a cada ser humano, que tornam a leitura dos fatos e documentos da memória uma interpretação única para cada indivíduo.

Justificativa

A falta de documentação visual sobre São Carlos (SP) no acervo do Arquivo de História Contemporânea da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) aliada à possibilidade de o próprio Arquivo produzir documentos indicada pelos arquivistas australianos,⁴ nos motivou a pensar uma forma de registro visual da cidade. Essa preocupação surgiu também por um outro forte motivo: a rápida transformação que vem sofrendo o panorama urbano da cidade, acentuadamente a partir de meados da década de 1980.

Objetivos

Objetivo geral

Delimitar uma política de desenvolvimento do acervo de imagens do Arquivo de História Contemporânea da Universidade Federal de São Carlos.

Objetivos específicos

Evidenciar a validade e a suficiência da fotografia como suporte de informação visual para a produção de registros da memória social.

Verificar se as novas propostas relativas à produção de registros são válidas em termos de trabalho arquivístico na cidade de São Carlos (SP).

⁴ Createde Documentation Programs. In: PEDERSON, A. Keeping archives. Sydney: Australian Society of Archivists Incorporated, 1987.

Metodologia

Os avanços nas chamadas ciências humanas e sociais vem possibilitando aos pesquisadores que trabalhem sob perspectivas metodológicas diferenciadas, de forma mais livre, mais solta. Por essa mesma via, vem sendo cada vez mais presentes critérios de questionamento relativos aos resultados obtidos. Ou seja: os resultados de uma pesquisa não são mais encarados, dentro desta linha de pensamento, como saber acabado, pronto, impermeável por outros estudos que posteriormente poderão existir.

Pedro Demo (1989) coloca a questão da cientificidade da seguinte forma:

*“O critério de cientificidade ... que nos parece mais aceitável é o da **discutibilidade**, entendido como característica formal e política, ao mesmo tempo.*

***Somente poder ser científico, o que for discutível.** Significa, no lado formal, que o discurso:*

_deve ser formalmente inteligível, lógico, bem sistematizado, competente em termos instrumentais;

_não deve levar à confusão, à indeterminação, mas à explicação, que permita aumentar o nível de compreensão da realidade;

_deve ser criativo e disciplinadamente voltado para a realidade.

Significa, no lado político, que:

_não se colhem resultados definitivos, a não ser nas ilusões totalitárias; não cabe o dogma;

*_não param as ciências sociais no **discurso**, mas devem assomar como **diálogo**, ou seja, comunicação de conteúdos;*

_não há como separar teoria e prática, a não ser para escamotear práticas escusas ou esconder interesses;

_o estudo dos problemas tem a ver com suas soluções; caso contrário, tornam-se ciências anti-sociais.”

Tomando por base a obra de Pedro Demo intitulada Metodologia científica em ciências sociais, de onde foi extraída a citação acima é que procuramos construir a metodologia usada nessa pesquisa.

Outra questão importante de ser discutida, antes de adentrarmos pelos detalhes metodológicos específicos, é a questão da objetividade/subjectividade.

Entendemos ser impossível uma objetividade total, ao menos no que diz respeito às ciências humanas. O homem é quem produz a ciência e, como ser social, deve interagir com o sujeito e objeto do que pesquisa. Também não pode ser a ciência totalmente subjetiva. A posição histórico-estrutural nos parece adequada aos nossos propósitos. Vejamos o seu significado: *“Significa um equilíbrio crítico e autocrítico entre condições objetivas e subjetivas. A realidade social em parte é dada, em parte é feita. Não há sujeito objetivo, mas é fundamental controlar a ideologia, não pelo distanciamento farsante, mas pelo enfrentamento aberto, no espaço da estratégia da discutibilidade”* (Demo, 1989).

Dentre as metodologias alternativas apontadas por Pedro Demo está a **avaliação qualitativa** metodologia esta que escolhemos adotar como base para o trabalho com a memória e objetivos iniciais do presente trabalho. Para termos uma idéia sobre como isso funciona, vejamos o resultado de uma proposta desta natureza:

“Se nos perguntarmos pelo resultado de uma avaliação qualitativa, podemos dizer que não produz propriamente papéis escritos, registros e fichas, levantamentos,

embora nada tenha contra. Seu produto mais típico, ainda que nunca exclusivo, é o depoimento, o testemunho, a proposta.

Uma avaliação curtida comunitariamente, pelo menos no quadro de uma convivência, aparece como depoimento, como conclusão teórico-prática a que se chegou em seu processo, e tem a qualidade política do depoente, nem mais, nem menos. Deve ser discutível, aberto a todo mundo que duvide e queira refazer o processo. Ao mesmo tempo, deve inserir-se na dinâmica histórica do fenômeno participativo, porque seria formalização artificial parar a comunidade parra que possa ser avaliada. Não é parada que se avalia melhor, mas no seu movimento normal, no seu processo político.

Depoimento não é apenas um relatório, produto formal de um observador transeunte, mas um testemunho, do qual o avaliador é um todo consorciado, desde o cientista ao comunitário. Ao mesmo tempo, é proposta, que vai à prática, partindo da teoria, e vice-versa. Aponta caminhos alternativos, pistas diferenciadas, descobre outros problemas, parte para confrontações ulteriores, revisa, reconstrói” (Demo, 1989).

A produção dos registros

A partir de 1991, por iniciativa nossa e com a concordância da coordenação do Arquivo, iniciou-se a produção de registros fotográficos a partir de meados de 1991. Os critérios adotados para a tomada de imagens forma os seguintes:

- _privilegiar fotos da cidade de São Carlos e região;
- _buscar fazer apenas registros, sem preocupação artística, apenas técnica;
- _as fotos seriam em preto e branco, conservando-se os negativos e fazendo-se cópias em papel para manuseio;
- _o material (negativos e cópias em papel) passaria a compor o acervo no Arquivo de História Contemporânea - UFSCar;
- _os documentos seriam acondicionados em arquivo de aço de 4 gavetas, sustentados por pastas suspensas protegidos com material (papel para reproduções e plástico para os negativos) apropriado;

_o acervo ao longo de sua produção acabou sendo composto pelas seguintes séries:

- Praças
- Ferrovia
- Edificações antigas
- Construção de edifícios
- Escolas
- Vistas dos altos da cidade
- Sedes dos Poderes Municipais
- Área rural
- Documentação do restauro da Usina Monjolinho da Companhia Paulista de Força

e Luz

_a avaliação dos registros foi feita observando os seguintes itens:

- Relevância do tema
- Qualidade técnica do registro
- Antigüidade do referente fotografado
- Acesso aos locais para produção dos registros

Montagem da exposição

Os registros para a exposição seriam selecionados visando mostrar alguns temas. Os temas incluídos foram: escolas, praças, ferrovia, edificações antigas, construções, vistas de pontos altos da cidade e sedes dos Poderes Municipais.

O material usado para fundo papel cartão na cor verde musgo. Foram exibidas duas fotos por folha de papel. Apenas duas folhas foram produzidas de forma diversa: uma com três fotos e uma outra com o cartaz de divulgação da exposição. As folhas foram dispostas em painéis de forma que pessoas de qualquer altura pudessem observar as fotografias.

O local escolhido para realizar a exposição foi a Casa da Cultura “Prof. Vicente Paulo de Arruda Camargo”, sito à rua 13 de Maio nº 2000. Os motivos da escolha do local foram os seguintes:

- _Estar localizado na região central da cidade
 - _Local de natureza pública e conhecida
 - _Salão para exposição com requisitos mínimos para montagem e visitas
- A divulgação foi feita através dos seguintes veículos:
- _Cartaz;
 - _Convite;
 - _Rádio;⁵
 - _Jornal;
 - _Guias periódicos da cidade de São Carlos.⁶

A tomada dos depoimentos

Os depoimentos foram tomados utilizando-se os seguintes critérios:

- _Deponentes com liberdade para falar;
- _procurou-se estabelecer um diálogo com o depoente;
- _os depoimentos foram gravados em áudio;
- _esperava-se, primeiro, o depoente visitar a exposição;
- _esclarecia, quando abordava o depoente, que a gravação tinha a finalidade de pesquisa;
- _se o depoente concordasse, iniciava-se o diálogo;
- _ficava estabelecido que o depoente pudesse falar até que desejasse parar.

A Transcrição das fitas

Esta etapa foi realizada com a preocupação exclusiva de passar para o papel o conteúdo das falas dos entrevistados, observando-se, o melhor que pudemos, as regras gramaticais. Não procuramos, também, mudar expressões/palavras de uso regional, transcrevendo-as da forma que ouvíamos.

Foi, sem dúvida, a etapa mais penosa do percurso no desenvolvimento do trabalho. Porém, tomamos o cuidado de fazer pessoalmente a tarefa para não corromper o interesse da missão.

⁵ Inclusive concedendo entrevista no programa S.O.S. Comunidade, da emissora Rádio Progresso AM, da cidade de São Carlos.

⁶ A saber, “Guia Aonde Vamos” e “Agenda da Semana”.

Análise e categorização das falas

Após análise, categorizamos os assuntos das falas nos seguintes blocos:

- _ Memória;
- _ lembrança e perda;
- _ validade do documento;
- _ suficiência do documento;
- _ informação visual e informação textual
- _ concreto e imagem

Após a categorização, foi feita nova análise para posterior construção do texto que passamos a apresentar a partir de agora.

Análise dos resultados

Lembrança e sentimento de perda

Iremos discutir a fotografia como suporte que possibilita a recuperação do passado. As experiências vividas pelos indivíduos que visitaram a exposição e se dispuseram a nos dar depoimentos sobre sensações sentidas durante a o momento que observavam as fotografias foram fundamentais para que pudéssemos fazer algumas constatações. A partir dos trechos de depoimentos transcritos poderemos analisar reações suscitadas nos visitantes a partir das fotografias mostradas. A esse respeito, um visitante comenta: *“É isso, cada foto tem esse poder desde que está dentro do seu relacionamento né, com a cidade, com as pessoas, tal. Traz lembrança, com certeza né, inclusive você consegue até efetivar algumas histórias, se for o caso.”*

Notamos uma primeira propriedade do registro fotográfico em relação à memória: suscitar a lembrança. A fotografia, quando observada, produz no indivíduo uma relação direta com o passado pois, uma de suas propriedades é registro daquilo que desapareceu, modificou-se ou que está em transformação. A pessoa observa a imagem de uma casa já demolida, local onde teve a oportunidade, em algum momento do passado, de conviver com o referente fotografado e com pessoas que ali habitavam, permitindo-lhe a recordação e a reconstrução do passado.

Ao observar uma fotografia, o entrevistado recordou-se de momentos passados. Neste caso, a pessoa “viveu” o local, pois havia passado horas na casa fotografada, estabelecendo uma relação de identidade com o local fotografado.

Em outro relato relacionado à história de vida, constata-se: *“Está sendo muito bom, porque estão bem tiradas né, está relatando um fato muito importante, que pessoas estão esquecendo, e são muitas né. Seria bom também porque eu futuramente pretendo escrever um livro sobre minha vida e a história de onde eu nasci e eu até poderia aproveitar muitas fotos da cidade antiga até a mais nova que está sendo agora para relatar muitas coisas para as pessoas.”*

Primeiramente, nota-se que os registros estão contribuindo de forma positiva para a preservação da memória coletiva. Um segundo aspecto, é que, essas fotografias servem como fonte para pesquisa, uma vez que contribuem no processo de comunicação e integração entre indivíduo e sociedade. Isso acontece quando o indivíduo reconhece que os locais fotografados fazem parte de sua relação com os outros indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade. A identidade individual, no caso, torna-se identidade coletiva.

Quanto às possibilidades da fotografia como registro, posicionam-se da seguinte forma:

“Aí, eu já tenho a impressão que uma vez demolido e feito um edifício imenso aí, as informações eu acho que, anteriores né, daquele edifício que foi demolido, é só para a história mesmo né, porque as pessoas esquecem. Aí uma casa, as gerações viram aquela casa durante 50, 80 anos, de repente ela é jogada para o chão, constrói um prédio e acabou-se. Ninguém mais lembra dela. Só a história é que precisa né, das fotos, do histórico mesmo.”

Encontramos neste trecho o uso do verbo esquecer (“as pessoas esquecem”) e também o uso da palavra “registro” em contraposição verbo esquecer. Sendo assim, para esta pessoa, é necessário registrar para não esquecer, sendo essa uma das funções dos registros da memória. A própria palavra informação é usada nesta fala vinculada à noção de registro para a história. Registros (documentos) como fonte para a história constitui-se o cerne da questão arquivística, pois são os arquivos os responsáveis por manter em seus acervos o alimento para a pesquisa histórica.

O mesmo pode ser constatado no depoimento a seguir:

“Então, a gente vê essas coisas aí [as fotos], traz assim um motivo de saudade das coisas que se foram, dos amigos que se foram, dos conhecidos né, o tempo que a gente era criança, o tempo do bonde aqui em São Carlos. ... e muitas outras coisas ... Antigamente, talvez você não tenha chegado a ver. Antigamente saía aqui em São Carlos, nas ruas, muitas pessoas sentadas nas calçadas. ... O tempo do cinema, o tempo gostoso do cinema, dos namoros. O namoro é diferente hoje também, namoro é ... ninguém tinha automóvel, todo mundo andava a pé aqui em São Carlos. Eu mesmo andei a pé muito tempo. Nosso meio de transporte era o bonde aqui em São Carlos. Namorado ia para as praças namorar, conversar, depois levava a mocinha até em casa, não entrava no comecinho. Começava a experimentar a moça, a moça experimentava o rapaz, até que chegava um dia que os dois achavam que valia a pena continuar. Então você chegava na casa da moça, se apresentava: ‘estou namorando sua filha’, ia pedir licença para namorar. ‘Então, se você que namorar minha filha é assim: você tem que namorar aqui em casa, você namora mas às nove horas eu quero minha filha em casa’, e essas coisinhas né, que tinha antigamente. Então, como eu estava falando para você, antigamente, você saía na rua, você via muitas pessoas sentadas na porta conversando, principalmente no tempo do calor. ... Então era uma coisa alegre, uma coisa bonita, rapaz.”

O fato de estar visitando uma exposição com fotos de casas antigas da cidade onde a pessoa passou a maior parte da sua vida, fez com que o entrevistado recordasse de usos e costumes, de épocas saudosas e alegres de sua vida. Nesse caso específico, nenhuma fotografia lhe chamou a atenção em particular. Porém, o conjunto de imagens exibidas fê-lo recordar de momentos agradáveis de sua existência. As fotografias, portanto, conseguiram exercer a função de lembrança de um cotidiano socialmente compartilhado pelo indivíduo no passado. Os relatos transcritos até aqui nos chamam a atenção para a importância do desenvolvimento de acervos arquivísticos de natureza visual. Esses registros é que possibilitam a seriação temporal da história. Uma fotografia suscita uma emoção; um conjunto de fotografias suscita a percepção das transformações através do conjunto mostrado. Isso demonstra a importância da produção e manutenção de documentos visuais sob a responsabilidade dos arquivos.

“Não era dela [de sua irmã], ela alugou, era alugada. Mas antes, eu morava em frente né, então a mulher que morou aí, bem antes da minha irmã, ela era a dona. Então, aquele tempo eram poucas as pessoas que tinha televisão. Então, ela foi uma das primeiras a ter. Então, quando eu morava aqui, então eu vinha aqui nesse vitror ver televisão. Ela deixava aberto para nós assistir, para a molecada assistir. ... meu tempo de juventude foi tudo aí, criança, foi tudo aí. ... A que traz mais lembrança foi a que eu morei em frente ... Essa casa logo que eu vi, lembrei.”

Os acervos fotográficos que remetem o observador à situações familiares, mesmo destacando experiências individuais, permitem a recuperação de aspectos da estrutura familiar vigentes no passado. As expressões faciais desses entrevistados, durante os trechos transcritos pareciam uma fusão de alegria e melancolia. No caso do entrevistado 1, uma única foto fê-lo recordar de momentos passados por ele vividos nas proximidades da casa fotografada. No caso de um dos entrevistados, o conjunto de fotografias é que despertou a lembrança. Em ambos os casos, a existência duradoura na cidade de São Carlos foi fundamental para que eles pudessem reconstruir épocas passadas.

Em relação ao espaço público, no caso o prédio onde hoje funciona a Câmara Municipal, o relato a seguir nos permite apreender suas transformações.

“Foi cadeia inclusive, eu já tive até visita de, até visitei. Teve até uma visita aberta, por essa porta aqui. Tinha cela lá dentro, tinha um cara aí que ... ele matou a mulher e a sogra. Aí colocaram como esquema de circo: visita pública. Abriram a porta para nego ver ele. ... Para ver o assassino. Fizeram fila aqui ó, e ia entrando e tal. Aí você ia lá na sala e tal e o cara tava lá, vai fazer o quê. Fumando o cigarro dele e tal. Aí você via o preso, saía e pum ... a semana toda até o cara ser levado para outro lugar. Depois foi museu, né. Aquele museu que tem lá na Estação foi aqui, e o espaço de cima não sei, sempre foi Câmara, isso eu não lembro muito bem.”

Neste caso, uma única fotografia fez com que o indivíduo lembrasse não de uma época, mas de um acontecimento passado da cidade, do social. As formas pelas quais as pessoas passam a recordar são diversas, podendo lembrar-se de um acontecimento ou de épocas, usos e costumes. Nota-se ainda nesta fala o “desinteresse” para com o poder político, no caso, o Legislativo. Interessante observar que o poder da fotografia reside mais na rememoração das experiências vividas do que nos acontecimentos do presente. A fotografia privilegia o passado. No caso em questão, o prédio retratado é a sede do Poder Legislativo, que nem sequer foi mencionado na fala. A experiência anterior relacionada com a imagem contida na foto contribui de modo decisivo para o ato de lembrar.

Outra fala corrobora as afirmações anteriores:

“Aí tem muita gente que não sabe, passa e vê, fala: ‘pô, que que é isso e tal. Tanto que o curioso para e fica admirado, como eu né. ... você passa pela casa e fala: ‘é uma casa simples’, só que a hora que você pega todas [as fotos mostradas] para ver, aí pouco a pouco você vai lembrando um pouquinho da história, quem viveu, quem passou por ali, se teve muita gente e tal. Fica imaginando mil coisas, desperta até o interesse.”

Neste caso, o que despertou a lembrança foi o conjunto de fotos mostradas em interrelação umas com as outras. As maneiras pelas quais chega-se à lembrança podem diferir e o que é lembrado também. A vivência anterior nos lugares mostrados contribui de forma decisiva para a efetivação da lembrança. A memória e a fotografia se misturam e se completam.

Quanto aos lugares que desapareceram ou modificaram-se, mas fazem parte da memória da cidade, as falas abaixo mostram o sentimento de perda e como o papel de resgate da memória através da fotografia é sentido pelos entrevistados.

Com o crescimento da construção civil no sentido vertical em São Carlos, o panorama urbano transforma-se dia a dia. Uma de nossas inquietações quando idealizamos essa pesquisa era saber se as pessoas percebiam essas transformações e quais as suas opiniões com relação às antigas construções que deixaram de existir e que estão “deixando de existir” (sendo demolidas). Analisando uma primeira opinião a esse respeito, notamos que o entrevistado percebe a mudança, apesar de residir há pouco tempo na cidade.

“Ela [a cidade] vai se transformando, ela vai ficando mais moderna né. Ela perde aquela essência de como ela surgiu, de como era. Hoje em dia, muita tecnologia,

muita tecnologia, muita gente, cada vez mais a população vai crescendo. Então eu acho que também necessita de tudo isso que está acontecendo, mas se for olhar para os lados, a gente vai ver se apagando tudo que a gente acha bonito. Vai se apagando a memória da cidade né. É triste ver isso. ... É triste mas também tem o lado, que também é necessário né. Para uns, para outros já não ... para mim eu acho triste ver tudo isso se apagando né, se acabando. Eu acho que deveria preservar sim, pelo menos os pontos principais, aqueles que mais chamam a atenção né, acho que deveria ser preservado ...”

O entrevistado sente a perda, sente a transformação e reconhece a necessidade disso. Porém, esses fatos não impedem o seu sentimento de tristeza em virtude da perda das construções antigas da cidade. A “essência” vai se perdendo, a história vai se acabando, enfim, a memória vai deixando de existir.

Outra opinião sobre o tema é assim relatada: “... *A Casa do Conde*⁷ *quando ela foi restaurada. Só que parece que eles não, eu acho que não foi bem um restauro porque se você entrar lá você vai ver que eles fizeram uma pintura na parede que agora está descascando e a pintura original que tem embaixo é outra. Não tem nada a ver, os desenhos são outros.*”

Neste caso, a negligência dos responsáveis pela “restauração” fica evidente. A absoluta falta de respeito para com um dos lugares mais importantes da história da cidade pôde ser notada. Temos então um outro tipo de percepção através da fotografia: a percepção da perda da originalidade do prédio. A foto permite que o indivíduo perceba a perda da originalidade, podendo servir, inclusive, de ponto de partida para um questionamento sobre a memória coletiva. Se olharmos este prédio pelo lado de fora, não sentiremos a perda mas, se adentrarmos nele poderemos sentir a lamentável perda de parte de sua originalidade.

Como pudemos notar, os entrevistados sentem a necessidade de registros da memória. Trechos expressando a necessidade de dispor de registros de tempos passados, são mostrados em outros depoimentos, que analisaremos a seguir.

Em relação à prédios em construção, sobretudo quando ocupam lugares antes ocupados por casas antigas, que integravam o panorama urbano, percebidos cotidianamente pelos entrevistados, o que vem à tona é a necessidade do registro, da preservação do passado.

Olhando simultaneamente para fotos de casas antigas e de construções atuais, um indivíduo comenta: “*O engenheiro vem vindo hoje para ... modernizar tudo né. Antigamente pegava quem, um cara mais o menos que entendia e largava a brasa e fazia um casarão. E ou não é? ... Você vê: derrubou você tem uma recordação.*”

Em outra entrevista, o depoente expressa o seu desejo pelo resgate da memória visual através da fotografia: “*Então, a gente sente a necessidade de haver presentes na cidade, pessoas com esse interesse no aspecto cultural, que ninguém liga para isso. Pessoas que possam agir como repórter, uma pessoa que marque o que está acontecendo.*”

No caso de dois dos entrevistados, o desejo e a necessidade de manter-se um acervo fotográfico das edificações demolidas em São Carlos são expressados de forma clara. Eles percebem a transformação no panorama urbano e sentem que, em breve, a cidade estará completamente diferente. Por isso, acreditam na validade dos registros mostrados. E não são os únicos a compartilhar a mesma opinião.

“Então eu acho, mesmo assim para mostrar para filhos, ou futuramente para netos, como que a praça era, como ela ficou. ... se ela tiver uma outra transformação. Então seguir assim sempre o ... como se diz ... as transformações. E é gostoso né, a gente ver né. Aqui era o prédio tal, mesmo a praça, que eu cheguei a conhecer ... então eu conheci bem a praça, participava, via. ... Porque você olha, você lembra, você tem

⁷ Palacete do Conde do Pinhal, residência de um dos fundadores da cidade de São Carlos.

lembranças, entende? Não só eu como todas as pessoas que freqüentava a praça, que levava criança, para ver como ela era. É uma lembrança gostosa de ver. Além de ser um fato histórico, não é verdade? Esse trabalho seu é muito ... espero que você continue, não só para o seu trabalho, mas efetivamente, entende, ... para você e para São Carlos.”

No caso desse entrevistado, não só o desejo como também o “gosto” pela memória fica evidenciado. Analisando esses depoimentos notamos que as pessoas não querem perder o vínculo com o passado. Apesar de reconhecerem a necessidade do desenvolvimento, eles desejam que os locais que estão deixando de existir concretamente fiquem registrados visualmente para que eles (e seus descendentes) possam lembrar-se de como foi a cidade no passado.

Outro visitante, solicitado a comentar sobre uma casa já demolida: *“Eu acho uma coisa, bonito de fotografar. Mas devia fotografar agora, que nem, essas fotos são de 91. Devia fotografar agora como que estão esses prédios, entendeu. Reformados já, está diferente ... as fotos estão bonitas mas também deviam tirar de prédios mais antigos. Tem coisa mais antiga do que essas na cidade, devia tirar mais fotos...”*

Na fala dessa pessoa notamos o desejo de continuidade e complementação do acervo. Notamos também a associação dos registros fotográficos à beleza. Outro entrevistado, que teve notícia da exposição através do rádio, também relaciona a memória ao belo: *“... achei muito bonito, muito bem feita. Acho que muitas pessoas deveriam vier participar mais da aventura da cidade, né. Existe muita construção, muito linda ainda né. Devia ser preservada ... todos, porque a maior parte não está mais se importando né, com a beleza.”*

Na fala desse depoente, como na de outro entrevistado, verificamos a memória sendo tratada como algo “bonito”. Além disso, sentem a necessidade e querem que esses registros sejam “preservados”, que continuem a existir.

Com esses depoimentos, pudemos notar a preocupação e a vontade que os cidadãos sentem de dispor de registros visuais do passado.

A validade do registro fotográfico

Uma das questões que levantamos com os entrevistados durante a exposição de fotografias (montada entre 18 a 30 de maio de 1996), foi saber se as imagens exibidas serviam como ponto de partida para os entrevistados lembrarem-se de fatos ou passagens de suas experiências, particulares e sociais, como foi discutido no capítulo anterior.

Nosso objetivo é discutir, a partir dos textos de Roland Barthes e Susan Sontag, e suas aplicabilidades a uma comunidade em particular, no caso, a cidade de São Carlos. Ao longo destes textos, os autores tratam a fotografia como registro visual que possibilita, antes de mais nada, a reconstrução do passado. Embora não empreguem o termo “reconstrução”, ambos deixam bastante claro, no transcorrer das análises que fazem da fotografia, essa possibilidade inerente ao registro fotográfico.

Passaremos agora a uma análise mais acurada da validade dos registros fotográficos enquanto instrumentos de reconstrução do passado.

Um entrevistado, observando a fotografia de uma casa (já demolida) localizada em um bairro operário de São Carlos, comenta: *“... para mim, eu gostaria até de ter uma [foto], porque eu tenho muita lembrança. ... Eu acho muito bonito, eu gosto. Tem umas coisas que traz muita lembrança.”*

Neste depoimento, quando o entrevistado manifesta o desejo de ter uma determinada foto, não estaria com isso manifestando a sua profunda identificação com o referente fotografado, chegando ao ponto de tê-la em sua propriedade? Existe aqui uma relação de identidade profunda

entre o entrevistado e o referente fotografado. A vontade de o entrevistado possuir uma foto desta natureza indica a validade do registro, pois através da fotografia ele pode recordar-se de momentos de sua vida. Entrou em contato com parte da sua memória individual, bem como coletiva de uma determinada época.

Um outro depoente, assim se expressa: *“Vai derrubar isso daqui, no caso. Então, você tendo a foto, vamos supor, os meus netos um dia vão lembrar disso daqui, vão ver isso daqui...”*

Nesse caso, o desejo de registros de memória para as próximas gerações é indicado pelo indivíduo. Ele quer que os espaços nos quais passou parte de sua vida sejam vistos também pelos seus descendentes. A percepção da transformação urbana faz o entrevistado, diante da fotografia, sentir a necessidade de se guardar imagens de como foi o espaço urbano que ele vivenciou para, posteriormente, seus descendentes também poderem conhecer o que ele conheceu. Mais adiante, o mesmo entrevistado: *“Mas é importante, viu. Isso é opinião de uma são-carlense, nascida e criada. Conheço poucas cidades, São Paulo poucas vezes eu fui, Santos também, quer dizer, a minha rotina é isso daqui. Sempre foi, dos meus filhos, meu marido, então quer dizer que eu acho que isso aqui [as fotos] tem que fazer mesmo e conservar ...”*

Como sente-se parte da cidade, é “nascida e criada” em São Carlos, o depoente sente necessidade de “conservar” a memória do lugar onde passou a maior parte de sua vida.

Para outro entrevistado:

“Ah, eu acho super importante, porque vamos supor, que se erga um prédio ou mesmo que se faça uma outra casa: acho que todas essas fotos são importantes para a história de São Carlos. Porque, tudo bem, que se erga um prédio, que se construa uma outra casa, então é claro, quem conheceu, sempre, na mente, vai lembrar: aqui era uma casa velha. Mas não exatamente todos os detalhes. Ao passo que, com uma fotografia, é claro né ... sempre vai existir uma lembrança, que se efetive. Porque tendo uma foto é mesma coisa que se tivesse todo dia vendo o imóvel.”

Para ele, a lembrança de um prédio antigo “na mente” não teria o mesmo efeito do que a recordação a partir de uma imagem fixada em um papel, rica em “detalhes”. Uma fotografia, segundo o seu ponto de vista, proporciona uma lembrança mais rica, mais completa, com riqueza de detalhes.

Outras falas reforçam a importância da fotografia enquanto registro: *“Muito bom. É bom para o pessoal conhecer mais a cidade como era né. Quem passa só vê prédio antigo, fala: ‘casa velha, casa feia’. Mas agora assim, vê que as casas veio, veio, dá para voltar um pouquinho o tempo.”*

Quando esse entrevistado fala “assim”, refere-se ao modo como ele entrou em contato com as imagens, em uma exposição organizada com fotografias de prédios de vários estilos e épocas. No trecho de entrevista acima, há um exemplo do potencial da fotografia enquanto registro do passado, registro das transformações ocorridas através dos tempos. *“... eu acho que a foto é uma das coisas ainda que preserva muito ... Acho que é muito bonito, tem futuro. Os netos da gente, os seus filhos, para eles verem. Mas eu acho que quando elas virem essas fotos, eu acho que elas vão querer perguntar mais para você sobre elas ...”*

Observamos até agora, nos trechos analisados, a validade da fotografia enquanto registro do passado. Nestas entrevistas, ficou indicado o interesse em dispor de um conjunto de registros dessa natureza. A riqueza de detalhes, a semelhança com o referente fotografado e o interesse em preservar a memória para as gerações futuras formam um rol de preocupações notado na fala dessas pessoas. Essas preocupações, associadas ao fato de os indivíduos manifestarem-se de forma positiva com relação à construção do acervo apresentado, indica ser a fotografia um instrumento significativo e, portanto, válido para registrar o passado. A fotografia é uma forma de conhecimento para as gerações futuras, uma tentativa para compartilhar experiências entre uma geração e outra.

A suficiência do registro fotográfico

O termo suficiência é empregado aqui como indicador do fato de o registro bastar-se por si mesmo. Ou seja, o registro fotográfico seria suficiente suscitasse nos visitantes lembranças, recordações e reconstruções de épocas passadas. Faremos a análise de alguns trechos de depoimentos e, no decorrer, ressaltaremos como os entrevistados percebem a suficiência (ou não) da fotografia enquanto registro.

O primeiro ponto em que notamos insuficiência foi na seguinte fala:

“Então eu acho que, além de continuar com essa preocupação, esse trabalho deve ser ampliado para coisas que ficam mais perto da formação do povo são-carlense, desde os imigrantes, das empresas que vieram, da história das empresas ... trazer a história delas para a cidade ... E principalmente também as modificações nos estilos arquitetônicos. Quer dizer, quanto que a comunidade aqui foi influenciada pela Escola de Engenharia [USP - São Carlos], pela Engenharia Civil da UFSCar, o que veio de colaboração. Quer dizer, o que essas correntes de escolas diferentes de construção civil proporcionaram ao longo de todos esses anos. Eu acho que isso é importante ... fotografar a cada seis meses, a cada ano ...”

No depoimento acima notamos a preocupação com dois aspectos distintos. O primeiro é a continuidade do trabalho desenvolvido. Ou seja, o entrevistado comenta que o trabalho não deveria sofrer interrupções. Deveria ocorrer continuamente através do tempo. A proposta de sequenciar cronologicamente os registros é sugerida pelo depoente. O acompanhamento fotográfico das transformações ocorridas na forma de seqüência cronológica facilita a visualização das mudanças. *“Sendo essencialmente o instante congelado, a imagem fotográfica fixa não registra a passagem do tempo. As mudanças ou o prolongamento do mundo visível só podem ser obtidos pela justaposição de diversas imagens sobre a mesma questão, tomadas em momentos diferentes”* (Moreira Leite, 1993).

O segundo aspecto refere-se à ampliação do escopo do acervo mostrado, devendo ser complementado com fotos sobre outros temas, como por exemplo de instituições locais (públicas e privadas).

“A hora que isso aqui [os prédios antigos retratados na exposição] desmanchar, ninguém vai mais reconhecer a cidade, e precisa isso registrado.”

“... a cada ano que vai passando, aliás, a cada mandato que vai se passando né, melhor dizendo, eles reformam, vão restaurando, vai ficando diferente. Vai perdendo aquela essência, já que a ela [a cidade] tinha, muito tempo atrás quando foi feito né. Vai ficando com uma cara assim ... devido à pintura, algum retoque. É interessante estar guardando, ser gravado, fotografado a cada momento né, cada época ... Então, é interessante você ter retratado o que foi, o que vem, o que vem agora.”

“É, seria interessante assim, que você colocasse um pouco, não só do centro, mas dos bairros que cresceram muito né. Se esse trabalho tivesse assim, iniciado, vamos supor, há uns dez anos atrás né, seria ótimo, porque aí o trabalho que você estaria desenvolvendo hoje já seria uma comparação do que é a cidade hoje.”

Além da ampliação do acervo, é sugerida exposição de fotos comparativas, ou seja, de um mesmo tema em momentos distintos, como relata Moreira Leite no trecho acima citado. Para isso, seria indispensável a continuidade do trabalho de registro, bem como a sua expansão temática e local.

“Deveria, deveria porque deve ter muita parte da cidade que devia de estar aqui na exposição.”

“Eu acho que serve sim, lógico. Eu acho que seria interessante até você ter a planta do imóvel se você conseguisse ... Mas eu acho legal, acho interessante isso que você está fazendo, acho até que você devia fazer um pouquinho mais.”

Todas essas falas, sugerem continuidade, ampliação e complementação e evidenciam o desejo que as pessoas têm de ver a memória visual de sua cidade sendo (re)construída, resgatada, registrada, enfim, preservada de alguma forma.

A análise traçada relativa à suficiência nos indica um fato importante: o caráter fragmentário dos acervos fotográficos. O fato de preservar-se acervos fotográficos indicará sempre a dicotomia entre os atos de esconder/revelar. Ao mesmo tempo que um registro (fragmento, recorte, “pastilha de informação” segundo Sontag) revela o referente fotografado, ele esconde uma infinidade de fragmentos não contemplados pela imagem. Um conjunto de fragmentos pode revelar muita coisa e, ao mesmo tempo e, obrigatoriamente, esconder várias outras. Daí o fato de qualquer conjunto de fotografias ser, necessariamente, fragmentário. O problema na realidade não reside no grau de suficiência ou insuficiência porque a fotografia é, por natureza, fragmentária. Apesar disso, como percebemos nas diferentes falas, a fotografia permitiu a reconstrução da memória individual e coletiva.

Se, por um lado, a validade da fotografia enquanto registro de memória é evidente, por outro, o desejo de um acervo mais amplo também o é. O acervo é suficiente em termos de conjunto de fragmentos. Mesmo sofrendo ampliação e/ou complementação numérica e temática, não deixará de ser um conjunto de fragmentos que permitirá a reconstrução do passado.

Como dito na metodologia, as fotografias exibidas compunham-se de imagens feitas das ruas, privilegiando fachadas. Analisaremos opiniões sobre como foram feitas as fotos, bem como outras formas de registros visuais, que não a fotografia.

“... acho que a filmagem também seria ... seria válida. Se possível até por dentro para você ver. Mesmo porque serviria até futuramente, vamos supor, se houvesse qualquer questão judicial ou algum problema. Porque se você tivesse tudo documentado dentro, ou está tudo escorado, ou está tudo derrubado ... serviria como prova disso ... ”

“Porque a foto mostra o que tem aqui [na fachada]. Se for tentar mostrar bastante o que é mesmo, você teria que mostrar milhões de fotos. O interior, a parte externa, a parte interna né. Seria então muita coisa. Sei lá, uma filmagem seria mais adequado ... mostraria mais ... ”

A vivência das pessoas acontece dentro e fora da casa. Portanto, os registros da memória não podem ser compostos apenas de exteriores. O cotidiano é vivido na rua, dentro de casa, no quintal, na escola, na associação do bairro, no trabalho. Daí a necessidade de termos registros que captem todas essas possibilidades do cotidiano.

Notamos nas falas acima outras de preocupações. Primeiramente, os depoentes consideram a filmagem como meio também próprio para registro. A riqueza de detalhes associada ao movimento da imagem parece à eles uma forma adequada para registro. Porém, essa forma de registro não é objeto do presente estudo. Em segundo lugar, os entrevistados sentem a ausência de interiores. Concordamos com eles pois, o indivíduo socializa-se tanto dentro como fora de sua habitação. Finalmente, outra preocupação indicada é com relação à questão da prova documental com vistas à demandas judiciais, que também não é alvo da pesquisa que hora se apresenta. Porém, o valor de prova no sentido de “reforço” à memória é notado em todos os depoimentos.

Informação visual e informação textual

Outro fato notado no decorrer das entrevistas foi com relação à ausência de um maior número de informações textuais nas legendas referentes às imagens mostradas. As legendas das fotos foram feitas usando apenas o endereço dos locais fotografados e a data em que a imagem foi retida. Em algumas falas, os entrevistados manifestaram-se a favor de que houvesse, além dos dados constantes nas legendas, outras informações textuais que fizessem referência ao histórico dos locais retratados. Alguns comentários referentes à esta questão foram levantadas:

Os trechos de entrevista abaixo nos apontam para algumas questões. Vejamos:

“Você devia pesquisar mais coisa. Vamos supor: essa casa, sabe, pôr mais alguma coisa escrita embaixo, você entendeu? O ano, por exemplo. A minha, deve ter uns quarenta anos, minha casa. Então é coisa assim, põe um trechinho do que é, do que foi, quem morou, sabe, sei lá. Uma coisa mais ou menos assim para a pessoa recordar mais ainda.”

“... eu acho que vale assim, uma memória. Que nem, tem prédios ali que eu nem sei o que que é. Assim, né, são prédios antigos da cidade. Mas eu nem sei o que é ali, eu nem sei onde fica. ... Deviam, pelo menos, não colocar a rua, distinguir, falar perto da onde, perto de tal, para ficar mais fácil de a gente achar. ... Para a gente achar, lembrar melhor. ... Mesmo os próprios símbolos. Assim, de lojas, os nomes dos colégios. Essas coisas dá para lembrar. Lembra mais fácil. ... as casas já é mais difícil, porque são todas casas antigas que já não, às vezes algumas já não existem mais. Já derrubaram para construir casas novas. ... Deviam colocar mais informações embaixo para saber melhor que rua que é, que número.”

“É, mais informações a nível da história do imóvel antigo. Quando ele foi construído, por quem, o que ele já abrigou ... Então, o que a casa já abrigou ao longo do tempo, desde que ela foi construída.”

Nas falas acima, notamos uma preocupação com a localização tópica e cronológica dos referentes fotografados.

Como foi registrado na metodologia, as legendas das fotografias continham o endereço (rua e número) e o ano em que foi efetuado o registro. Mesmo assim, alguns entrevistados acharam que estas informações deveriam ser incluídas. Além disso, ainda solicitaram dados como ano de construção, o que é e o que foi o local fotografado, quem morou, onde fica e quem construiu. Esses dados, se conseguidos através de pesquisa, poderiam ser incluídos nas legendas e, segundo a opinião dos entrevistados, ajudaria o observador a localizar os referentes fotografados no espaço e no tempo. Porém, o objetivo da pesquisa é estudar a imagem e não o texto.

Outro aspecto relacionado à essa questão foi o fato de os entrevistados sentirem necessidade de informações relativas à história do imóvel. Alguns trechos de entrevistas nos mostram isso:

“Serviria [a foto] contanto que tivesse um histórico dela. Vamos fazer um catálogo sobre. Mostra a casa de seus vários ângulos. ... Então você já não deixou a foto solta. Uma série de fotos e colocar todo um material, um encarte, um livro ... Você teria que localizar. Você teria que dizer qual é a história dessa casa. Foi demolida porém ela era desse jeito. Hoje lá tem tal coisa. Ela não ficaria solta no espaço, não seria só uma foto.”

“É, eu tenho a impressão que sim, prenderia mais a atenção. Porque a gente olha assim ... mas [a foto] não quer dizer nada né. Não tem a história da casa.”

“Podia escrever alguma coisa sobre elas ... Seria bom ter algo do lado, algum documentário, alguma coisa, isso é importante. Quer dizer, só ela [a foto] assim, precisa de saber, para ela ter algum significado.”

Nestas falas, os entrevistados sugerem, embora não diretamente, uma interpretação histórica das fotos, uma análise dos referentes fotografados. As informações decorrentes desta análise

interpretativa poderiam influir nos resultados da pesquisa. As impressões sobre o impacto da informação visual, no caso a fotografia, é que interessam à pesquisa.

“... na fotografia e na iconografia lidamos com a comunicação aparentemente direta da imagem, para procurar em suas características uma significação que não se expressa diretamente e que, em alguns casos, precisa ser construída pelos elementos de produção e/ou por sua contextualização no momento da produção, no momento do arquivamento, ou no momento da leitura.” (Moreira Leite, 1993)

A citação acima vão de encontro ao nosso propósito e, com exceção de dois trechos das entrevistas acima, onde aparecem comentários indicando a interpretação como maior estímulo à memória, os outros só serviriam como norte na continuação da proposta de resgatar a memória visual através da fotografia.

O concreto e sua imagem

Qual seria o adjetivo que nos atribuiriam se tentássemos substituir o concreto pela sua fotografia? Chamariam-nos de ingênuos, no mínimo. Se isso fosse possível, o problema da fome no planeta estaria resolvido. Com a distribuição de uma fotografia de um prato de comida para cada ser humano desnutrido, ele poderia alimentar-se todos os dias para o resto de sua vida, resolvendo assim o problema de desnutrição em nível global. Porém, no caso da memória, da informação visual de um tempo passado, o raciocínio simplista do início desse parágrafo não se aplica de todo. Não queremos afirmar também que uma imagem possa substituir o concreto. Isso não é verdade, nada substitui o concreto. Mas, no caso dessa pesquisa, em que foram feitos registros de locais que estão ameaçados de deixar de existir, o registro fotográfico teve o papel fundamental no resgate da memória visual.

Outros trechos de entrevistas reforçam nossa posição:

“Eu acho que substituir não tem jeito. Eu acho que a única coisa que a foto pode ajudar é para lembrança mesmo, para o arquivo, para as pessoas lembrarem que existiu.”

“Não, porque brevemente a gente vai querer procurar essa casa para ver e não vai ter mais. Quer dizer, tem gente que vai ficar curioso para querer entrar dentro.”

“Ah, substitui um pouco. Foto, todo mundo gosta de tirar foto porque a partir dela você começa a lembrar muita coisa né. Ai você olha uma coisa, ‘olha aquilo lá’, lembra. Então, ela faz você voltar ao passado. Então, é como se fosse o próprio monumento, você olhando assim. É uma pena que ele não está mais lá, mas ele foi um dia.”

Tomando por base os dois depoimentos acima, uma questão fica muito clara: o registro não substitui o concreto. Usando os termos empregados por Karel Kosik em seu livro intitulado “Dialética do concreto”, o fenômeno (lembrança) bem como a sua forma fenomênica (fotografia) não substitui a essência (a coisa fotografada). A relação existente entre fotografia e coisa fotografada é que a primeira serve como referência da segunda. A experiência de adentrar em um prédio demolido não será possível através de um registro fotográfico. O que pode ser possível é pessoas recordarem-se através do registro, e isso é fundamental que iniciativas tornem possível o desenvolvimento de acervos visuais.

Considerações Finais

O estudos sobre arquivos e informação vêm mostrando avanços no que tange aos aperfeiçoamentos na área dos produtos informáticos. No campo teórico, notadamente no cenário internacional, a evolução qualitativa dos textos publicados pode ser notada sem grande esforço. Os manuais internacionais⁸ somados aos **Estudos RAMP**⁹ propiciam o embasamento teórico sobre a questão arquivística. Ou seja, temos os elementos necessários ao desenvolvimento de uma ciência/técnica jovem e em franco desenvolvimento.

A fotografia como suporte de registro visual e notadamente a fotografia da cidade de São Carlos revelou-se suporte de muita aceitação para compor o acervo do Arquivo de História Contemporânea da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Apreciamos fotografias mas quando uma instituição (pública ou privada) vai tê-las como parte do seu acervo, é preciso delinear a política de seleção e aquisição das fotografias, bem como a produção do material fotográfico.

Apesar que esta pesquisa revelou que o desejo das pessoas por continuidade, ampliação e complementação com outros suportes como o filme, a fotografia enquanto tal foi muito eficiente nos seus propósitos resgate da memória visual da cidade.

Bibliografia

- ACERVO: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1/2, 1993. (número especial sobre fotografia)
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Projeto Memória Fotográfica de Brasília**. Brasília: ArPDF, 1987.
- AVEDON, D.M. **Introduction to electronic imaging**. 2. ed. Silver Spring, MD : Association of Information and Image Management, 1994.
- BARTHES, R. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. 3. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. A Imagem. In: **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, W. A Obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: _____ **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 6. ed. São Paulo : Brasiliense, 1993.
- _____. Pequena história da fotografia. In: _____ **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 6. ed. São Paulo : Brasiliense, 1993.
- BERGER, P.I. , LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 11. ed. Petrópolis : Vozes, 1985.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.
- BÜCHER, P. Problemas jurídicos sobre la utilización y las copias de los documentos de archivos audiovisuales. **Anuario Interamericano de Archivos**, Cordoba: 14., 1988.
- CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. **Norme générale et internationale de description archivistique**. Ottawa: CIA, 1994.
- COUTURE, C., ROUSSEAU, J.Y. Les ressources technologiques. In: _____ **Les Archives ao XX^{eme} siècle**. Montreal : Université de Montreal, 1982.
- CREATED Documentation Programs. In: PEDERSON, A. (org.) **Keeping Archives**. Sydney : Australian Society of Archivists Incorporated, 1987.

⁸ A este respeito, ver LOPES, L. C. Os grandes manuais. In: _____. **A Informação e os arquivos**: teorias e práticas. São Carlos; Rio de Janeiro: Ed. da UFSCar/EDUFF, 1996.

⁹ Records and Archives Management Program. UNISIST/UNESCO.

- DEBRAY, R. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis : Vozes, 1993.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro : Ed. 34, 1992.
- DOSSE, F. **A História em migalhas**: dos annales à nova história. São Paulo : Ensaio; Campinas : Ed. da UNICAMP, 1992.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas : Papyrus, 1994.
- FABRIS, A. (org.) **Fotografia**: usos e funções no século XIX. São Paulo : EdUSP, 1991.
- GLÉNISSON, J. Uma história entre duas eridções: notas sobre algumas práticas e alguns dogmas da atual historiografia francesa. **Revista de História**, São Paulo, v. 55, n. 110, p. 433-62, abr./jun. 1977.
- GRUNIN, L. A Memória fotográfica para a era digital. **PC Magazine Brasil**, 1994.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo : Loyola, 1992.
- HELMS, R.M. Introduction to image technology. **IBM Systems Journal**, 1990.
- JARDIM, J.M. **Cartografia de uma ordem imaginária**: uma análise do Sistema Nacional de Arquivos. Rio de Janeiro : UFRJ, 1994.
- KLAUE, W. Documentos audiovisuales como fondo de archivo. **Anuario Interamericano de Archivos**, Cordoba: 14., 1988.
- KOSÍK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.
- LE GOFF, J. **Memória e história**. Campinas : Ed. UNICAMP, 1992.
- LEARY, W.H. **La evaluación de las fotografías de archivo**: un estudio RAMP con directrices. Paris : UNISIST/UNESCO, 1985.
- LOPES, L.C. **A Informação e os arquivos**: teorias e práticas. Niterói : EDUFF; São Carlos : Ed. da UFSCar, 1996.
- MALAN, N. E. Organizing photo collections: an introspective approach. In: DANIELS, M., WALCH, T. **A modern archives reader**. Washington : National Archives and Records Service, 1984.
- MARQUANT, R., PÉROTIN, Y. Les documents audio-vusuels. In: DIRECTION DES ARCHIVES DE FRANCE. **Manuel d'archivistique**. Paris : SEVPEN, 1970.
- MOREIRA LEITE, M. História e fotografia. **Textos e Paradigmas da Leitura**, v. 86, n .3, 1992.
- _____. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo : EdUSP, 1993.
- RASCOE, M.W. **La pollution de l'environnement et ses effets sur les documents d'archives**: une etude RAMP. Paris : UNISIST/UNESCO, 1988.
- SONTAG, S. **Ensaio sobre fotografia**. Lisboa : Dom Quixote, 1986.
- TRIGO, L.G.G. A perda e a falta. In: CARVALHO, M.C.M. (org.) **Paradigmas filosóficos da atualidade**. Campinas : Papyrus, 1989.